

A REACÇÃO MARVILENSE FICOU RECOMPENSADA

Campo «Manuel Soares Barreto», em S. a.

Árbitro: Mário Vidreiro, de Lisboa.
SINTRENSE — Levy; Pardal, Victor, Madeira e Pessegueiro; Mota e Kanari; Dias, Palma, Sérgio e Higino.

ORIENTAL — Edmundo; Antunes, Viriato, Fragona e Marques; Fonseca e Mendes; Moita, Renato, António Luís (ex-C. va da Piedade) e Ilídio.

Resultado estabelecido no segundo tempo.

Aos 26 minutos, uma avanço dos locais permitiu que Sérgio levasse a melhor sobre a defesa adversária. Edmundo saiu da baliza mas o dianteiro sintrense chegou primeiro ao esférico, deu-lhe outro toque e poderia ainda tocá-lo junto à linha, poderia ainda cabeceira, se não fosse derrubado por Fonseca. O árbitro indicou a marca de grande penalidade, para castigar a falta. Depois, precipitou-se, lançou a bola para a marcação de «canto», mas, reconsiderando, após consulta ao fiscal de linha, manteve a primeira decisão. O castigo máximo foi, então, transformado por Madeira. Sintrense passava a ganhar por 1.

Inconformado o Oriental lançou-se ao ataque, num deradeiro esforço. E o êxito surgiu. António Luís atirou forte. Estava estabelecido o merecido empate, nos últimos instantes da partida.

Não podemos classificar como um bom encontro de futebol, a partida disputada, ontem, em Sintra. Não houve de facto, muitos lances de

agrado. A equipa local gizou algumas jogadas interessantes procurando acertar, mas o adversário não podia ripostar na mesma toada. Além disso, o estado do terreno, bastante encharcado, não era propício a tecnicismos. E o grupo sintrense teimou em fazer rolar o esférico à flor do terreno. Processo inadequado, com vantagens para o «onze» marvilense, mais predisposto para lançamentos compridos, de bola a girar a meia altura, e, muitas vezes, a subir de mais. Assim apareceram muitas dificuldades para o «team» de Sintra. Talvez mais do que este previa. Sim, porque o «team» de Marvila nunca se considerou inferior ao antagonista. Bateu-se com frenesim, genica e inconformismo, mais renitente ainda quando se viu na condição de vencido. Nessa altura, revelou-se na verdade, admirável, o arrebatamento que se apoderou da turma do Oriental. Quando as forças já escasseavam, surgiu novo assomo de energia, a permitir merecido empate. A técnica escasseou, é certo, a vontade férrea, quase fez esquecer essa deficiência. Belo testemunho do que pode alcançar a bravura, tenacidade e perseverança de um punhado de atletas. Arriscou muito o «onze» marvilense, ao franquear, em demasia, o seu sector defensivo. A derrota poderia ser mais pesada e desprestigiante sem dúvida. Mas eram os dois pontos, acima de tudo, o que estava em «causa». O Oriental jogou a última cartada. Foi feliz. A sua reacção obteve, pois, boa recompensa. Empate alcançado «extra-muros», pode bem vir a ser, até um bom prenúncio para outros cometimentos de que a equipa bem anda necessitada.

A arbitragem de Mário Vidreiro ficou comprometida com o lance de grande penalidade, assinalada contra o Oriental aos 26 minutos da segunda parte e que deu ao Sintrense o seu golo.

Não houve dúvidas quanto ao «penalty» assinalado aos 10 minutos desse segundo tempo, por «mão» de Marques, castigo que Sérgio não soube concretizar, por ter atirado a bola ao lado da baliza de Levy. Mas, na segunda penalidade, o juiz da partida foi algo desconcertante. Começou por indicar a marca do respectivo castigo, para optar, depois, por um «canto». Por insistência do fiscal de linha do lado do peão voltou a assinalar «penalty». Certa, esta última decisão, que levantou protestos dos adeptos do Oriental? Cremos que houve honestidade no último julgamento. A falta existiu. Registou-se, sim, quanto a nós, um desentendimento ao primeiro sinal daquele auxiliar.